

# JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

## ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis  
Com estampilha . . . . . 600 »  
Fóra do reino accresce o porte do correio  
avulso . . . . . 20 »  
Redacção e administração—LARGO DA PRAÇA—Ovar

## PROPRIETARIO E EDITOR

**AUGUSTO DA COSTA E PINHO**

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

## PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. . . . . 60 rs. cada linha  
Anuncios e comunicados . . . . . 50 »  
Repetições . . . . . 25 »  
Anuncios permanentes, contracto especial  
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

## A INFLUENCIA DOS JESUITAS

V

Quando Roma viu os operarios formarem associações, nas quaes já se fazia sentir a independencia das idéas religiosas, inquietou-se, e resolveu abafar na officina esse espirito de revolta, que lá se ia desenvolvendo, contra a igreja, e as velhas crenças.

Nunca até ahí a magoaram os soffrimentos das classes inferiores —mas desde que a politica reacconcial-as, de indifferente, ou mesmo hostil, que lhes era, passou a ser careadora, lastimou-as em termos energicos, offereceu-lhes a sua protecção, e as protegeu activamente.

E' o que devia ter feito ha muito sem fins interessadas.

Por toda a parte, sobretudo na França e na Allemanha, o clero lhes dizia — «a igreja é vossa mãe—vós de condeição obscura, que sois condemnados ao labor das mãos, vinde á casa de José e Maria ver trabalhar a Jesus Christo, o carpinteiro, filho d'outro, durante trinta annos foi este o seu unico officio, lembrava-se a igreja primitiva das charruas, que fabricou, J. Christo é do gremio de todo o que por artefacto mechanico —e deus abençoá o seu trabalho» (o bispo de Poitiers).

O bispo de Rodez do pulpito em Notre — Dame de la Carce — «ó modernos Brutos! ó filhos da liberdade! vós tendes tudo libertado e tudo salvo! mas olhae para traz —Nunca foram precisos mais ferros, nunca foram precisas mais cadeias, nem mais enxovias, nem mais solidos ferrolhos, nunca se viu no fundo das prisões mais numerosos captivos, nunca, nunca as masmorras da antiga barbaaria e intolerancia contaram mais detidos, nem mais victimas. —Ai de nós! meu Deus, que vamos retrocedendo aos velhos e teríveis costumes! Os filhos e as esposas dos infelizes estão sob a ameaça de terem uma sorte semelhante á dos escravos d'outras epochas, desde que as doutrinas modernas sobre o casamento e a origem da familia rebaixaram entre nós a mulher ao que foi no paganismo e reduziram seu filho ao papel d'uma força bruta, que só deve servir ao proveito commum, ou para o combate!

«Não mais cadeias, dizeis vós» mas vós as forjais todos os dias, e das mais crueis!

«E que são todas estas mechanicas, todos estes utensilios, todos estes instrumentos da industria? Vede como as rodas giram, como funcionam as engrenagens! Sim! mas quem é que está preso a estas correntes, a estes motores, a estas cordas, a estas correias?»

«Quem? as vossas mulheres, os vossos filhos! Vós sois, não podeis impedir-vos de o dizer, os prisioneiros da materia, os escravos da industria, e nunca a prisão foi mais negra, que os subterraneos, a que desceis obrigados pela avareza, pelas insaciaveis exigencias do lucro!»

«Ah — Nossa — Senhora de la Carce, mãe dos santos resgates, e das santas redempções, olhai para todos estes milhões de escravos, vede quantas mãos estão ainda ligadas por todas as servidões,

quantas cabeças se curvam sob o pezo d'ellas?»

O discurso de um anarchista agitando os seus confrades não seria mais exaltado que o do bispo de Roder n'ua assemblêa catholica, e dentro de um templo!

O fim de um tal discurso é patente, é cria nas classes operarias o dio ao regimen liberal, e é uma loucura condemnar os progressos da industria se era preciso organizar a caridade de um modo eficaz, porque não se occupou a igreja d'essa obra mais cedo, como o lhe competia, porque abandonou o cuidado dos miseraveis, objecto da sua maior solicitude nos primeiros seculos?

Não foi ella, quem depois se compadeceu da sorte dos proletarios, quem notou no regimen da liberdade ser tanto ou mais lastimavel que no antigo.

E tanto n'um como n'outro o que fez para aliviar-a?

Encheu o mundo de cultos e de feras, e absorveu dois terços das terras ferteis em todas as nações catholicas.

Se exercesse a caridade, chegaria a enriquecer-se n'esse grau, poderiam por exemplo os jesuitas e os lazaristas abundarem em milhões, como é sabido?

Os sistemas de organisação social, que foram apparecendo, não brotaram no seio da igreja.

Como lança aos liberaes, aos modernos Brutos, a culpa de uma transformação na vida dos povos, que era inevitavel?

Quaes foram as reformas, que reclamou em favor das classes laboriosas?

Hoje emprega meios de favorecer as dignos do maior elogio, se não fossem inquinados de um interesse politico adverso á civilisação e á liberdade.

O congresso de Reims tratou da organisação do trabalho, e ahí disse o padre Marquigny—nós havemos de reconstruir mais rapidamente do que muitos pensam, as antigas corporações (d'artes e officios) mas recomendava, «que houvesse toda a cautella em não contrariar os instinctos da liberdade e da igualdade?»

Então reconhecia-os como attendiveis. E se dentro da liberdade é possível uma nova organisação do trabalho, para que estar a condemnal-a?

Certo é, que perto de Reims se fundaram um gremio, e um asylo, que aloja e alimenta os operarios, os até 17 annos por cinco francos cada semana, e os de mais idade por sette.

Sim—é d'estes estabelecimentos, que necessitam as classes pobres, mas não de que os reacconarios os dirijam e dominem.

São transparentes as suas intenções sob o veu da caridade, e elles mesmos as denunciam.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

## NO CONCELHO

Suprehenderam-nos, deverás, duas noticias, que lemos no ultimo numero do nosso collega—«A Discussão» relativas a necessidades impreteriveis e enadiaveis para o Concelho. Trata-se da illuminação da villa a luz electrica, e da construção d'umas cadeias.

Bem haja a camara que tal conseguir. Assim o diz o nosso collega e nós o repetimos.

O primeiro projecto é annunciado, com interrogação e assim evidentemente posto em duvida.

Desconhecemos os trabalhos feitos n'esse sentido, mas desde que o sacrificio seja compativel com as receitas do municipio, nenhuma duvida temos em afirmar, que tal melhoramento será uma realidade, porque conhecemos de sobejo, os homens que estão á frente da administração municipal.

Esses não querem criar encargos, que não possam ser satisfeitos pelas receitas até hoje criadas; mas de certo qualquer contracto, que venha a ser feito, sobre a illuminação publica ser substituida por luz electrica, não pode ir de encontro ao seu plano de administração.

Ovar, é uma villa muito populosa, muito rica, pois dispõe de capitais importantissimos; é muito commercial, e já dispõe d'uma industria relativamente importante.

O concessionario, pois, da luz electrica, seja elle quem for, necessariamente ha-de ter em vista, os lucros que pode e deve auferir da luz que necessariamente, ha-de fornecer aos particulares.

E demais se, hoje, a luz electrica custa ao fornecedor 10 ou 12, amanhã ou n'um futuro mais ou menos proximo, ha-de forçosamente custar a quarta, quinta ou decima parte, ou ainda menos, porque a industria não pára, mas procura sempre produzir muito, por um preço infimo.

E a Camara Municipal do nosso concelho, desde que o preço seja vantajoso, não deve prender-se com o maior ou menor prazero da concessão.

Emquanto á construção das cadeias, reconhece o nosso collega a grande utilidade d'esse importante melhoramento, mas preferia, que se construísse um hospital, e que se adoptasse o actual a prisões.

Já em tempos teve esse plano, o director do nosso collega, mas não realisou nem uma nem outra cousa, por causas que desconhecemos, mas que decerto foram independentes da sua vontade.

Merecem-lhe mais compaixão os doentes phisicos do que os moraes, porque n'aquelles a doença é involuntaria, e n'estes é, na maior parte dos casos, voluntaria.

Enumerar as causas da criminologia, lêr, reproduzir, discutir o que os tratadistas têm escripto sobre o assumpto seria enfadonho, e dispenderia de muito estudo e muito trabalho; e com franqueza, estamos como o nosso collega, nada ou pouco sabemos, hoje do assumpto.

Por isso e porque tratamos do caso simplesmente pelo lado administrativo, dizemos, que não concordamos com a sua opinião. O hospital está sob a administração da Camara, porém tem receitas proprias, que nunca podem ser desviadas para pagamento das despesas do municipio ou sejam obrigatorias ou facultativas.

Se a Camara, hoje, fosse dispender com o hospital, oito ou dez contos de reis na construção d'uma casa propria para tratamento dos doentes, necessariamente que

tinha de recorrer ao emprestimo que não podia pagar bem como os encargos d'elle resultantes, sem recorrer ao lançamento de contribuições mais ou menos onerosas, o que todos os municipes não aceitariam de bom grado.

E' amanhã quando o hospital vivesse uma vida desafogada, não podia por lei, indemnizar pelas suas receitas os sacrificios feitos pela Camara.

Ora sabe-se, que o Hospital teve uma herança importante, que lhe foi deixada pelo Padre Manuel Ferrer, e que dentro de 3 annos termina o encargo que pesa sobre ella, de pagar annualmente a importante quantia de 1.200\$000 réis.

N'estas circumstancias, dentro de muito pouco tempo, tem o Hospital recursos proprios para, ou fazer as modificações precisas na actual caza, ou para construir uma nova.

Ha possibilidade em se transformar a actual casa de forma a satisfazer todas as exigencias da sciencia?

Transforma-se.

Não ha. Vende-se a casa que existe e o terreno adjacente; e o producto da venda que deve ser importante, attendendo á situação do predio, applica-se á construção d'uma nova casa, dando a camara terreno para isso, pois o tem e de sobejo, em magnifico local.

D'esta forma não se subrecregam nem prejudicam as receitas municipaes em beneficio de quem tem, mas que não pode restituir o recebido.

O Hospital de Ovar n'um futuro proximo deve ter receitas proprias, desde que haja iniciativa, e n'essas condições tem que emancipar-se da tutela da camara.

## LITTERATURA

### A Visão dos Tempos e as Modernas Idéas do Sr. Theophilo.

XXIX

Precisas não eram mais informações sobre o miseravel abuso de confiança do sr. Passos, se eu não tomasse a peito bem esclarecer a quem for curioso de apural-o agora ou no futuro.

Só temo o enfado dos que me lerem, mas entremeando na questão pessoal a analyse litteraria, como até aqui, espero obter a sua indulgencia para estes meus artigos, que ameaçam não terminarem.

Desde que o sr. Braga, convertendo o queixoso em reu, me accusou de falsa imputação ao illustre plagiario, o que eu ignorei durante onse annos, e depois ainda, já com acinte, repetiu a mesma calumnia na Revista do Seculo, nada me cohibe de mostrar o injusto, deprimente, e outras vezes chimerico charlatanismo, com que se apresenta criticando, até na minima questão, que me respeita.

Achava-me no Porto em 1871 hospedado na Estrella do Norte, onde o sr. Anselmo de Moraes, dignando-se visitar-me, disse n'essa occasião, que na sala da sua

Imprensa se reuniam os srs. Joaquim de Vasconcellos, Adolpho Coelho, e Theophilo Braga, e convidou-me para esta agradável companhia, o que muito agradecei.

A primeira vez, que lá estive, fallou-se de Soares de Passos, e mal revelei os seus plagios, o sr. Theophilo exclamou—«eu já vi isso, que o Firmamento não é de Soares de Passos».

O mesmo presumiram outros, entre estes o sr. Antonio de Serpa, que n'uma carta me declarou:—«sempre julguei o Firmamento d'outra inspiração»— (são estas as suas frases).

Falta á verdade o sr. Theophilo, quando nas Modernas Idéas nos diz, que lhe causou assombro o facto de haver quem reclame as principaes composições d'aquelle poeta—se tinha previsto não ser este o seu verdadeiro autor, não se lhe admitte o assombro—que é de certo postico —a minha denuncia, em vez de o assombrar, só confirmou o que a sua boa ou má critica lhe havia suggerido.

Como ficou assombrado, se considerou justo, que eu reclamasse? Se me offerecia para esse fim a sua Historia da Litteratura?

Como ficou assombrado, se até foi quem se lembrou de que antes me devia pedir informações sobre o poeta infiel para dar um motivo áquelle seu acto generoso, e para mim assaz lisongeiro?

Em tardes successivas procurou-me o sr. Theophilo Braga, passeamos conversando sobre litteratura, e ainda me lembram as minhas ligeiras observações, que approvou, e aproveitou, sem por isso me persuadir, que a elle ou a outro qualquer não ecorressem igualmente — hei-de expol-as no numero immediato—.

E já, que assim com tanta semceremonia e desplante me arguem de querer attribuir-me o que não me pertence, não estou resolvido a imitar o barbeiro de Midas— não calarei outros factos da mesma especie, que não são raros— hei-de contal-os ainda que me arisque ao motejo de que tenho a mania reclamante.

Uma tarde fui eu tambem visitar o meu novo amigo, e sendo quasi noite ia a retirar-me, quando levando-me á sala da mesa me apresentou á sua esposa, e pelo corredor, que alli conduz, foi dizendo, que o interior da familia não se franqueia a ninguém, mas que fazia uma excepção para Lourenço d'Almeida—As suas affaveis maneiras; sem nenhum entono, a sua voz quasi sem timbre, affugentavam a suspeita de que sob aquellas doces apparencias se occultava um desmedido e redantesco orgulho e mal pensei eu, que tinha de renunciar um dia a tal amizade.

Em 1873 ou em 1884, em Lisboa, encontro o sr. Theophilo Braga, com João de Deus no Chialdo—Apresentando-me ao poeta das Flores do Campo, este, abai-xando um pouco a cabeça, limitou-se a tão simples cumprimento—o sr. Theophilo, que tambem o achou laconico de mais, não se teve que não acrescentasse—«não pense, que Lourenço d'Almeida é para ahí um sujeito qualquer, é um homem com quem se aprende».

Eu de certo não mereço a tão honroso conceito, mas recordo-o,

mas cito-o para que se veja como indignamente procedeu para comigo, a quem tão boas relações o ligavam.

Sem querer, que por attenção ou amidade attenuasse o rigor da sua critica, eu devia contudo esperar, que ao ler a *Edição dos Bardos de 1854* presumisse a fraude de Soares de Passos em vez de lhe servir de documento contra a minha clamante affirmativa.

Qual seria então o seu justo procedimento?

Era averiguar, se alli estava ou não a verdade.

E nada averigou—e sem provas, sem signaes rigorosos, e á toa declarar autentica a famosa *Edição dos Bardos* feita em 1854 e fundando-se n'esta ineptia, calunniando-me.

Protesto—e vae repetir duas vezes a calumnia na *Revista do Seculo!*

Não sentiu o seu erro? Não creio—por isso considero vilissima uma tal insistencia.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

## OS DISSIDENTES

Quando se organizou o ultimo gabinete progressista da presidencia do Sr. Conselheiro José Luciano, e a pasta da justiça foi, pela segunda vez, confiada ao Sr. Alpoim, a imprensa opposicionista, por diferentes vezes, quiz descobrir dissidencias no partido progressista.

Esses boatos pareciam irritar bastante os nervos do Sr. Alpoim pois era este o primeiro a declarar, na imprensa, que o partido estava unido e firme, em volta da bandeira do partido. Ainda mesmo nas vésperas da *dissidencia*, o Sr. Alpoim espalhava no *nosso Janeiro* e no *Dia*, que essas noticias eram uma pura phantasia do espirito ardente dos jornalistas da opposição.

O Sr. Alpoim, confessou publicamente que era avesso a pequenos grupos ou *cotteries*, e que o pensamento do ministerio era unido e firme. Poucos meses antes, e quando na capital d'este districto, se inaugurou o retrato do Sr. José Luciano, veio o Sr. Alpoim a Aveiro, em nome do governo, peserologio do seu chefe.

O que elle ahi disse, nem queremos recordal-o. Foram phrases tão bonitas e tão artisticamente

buriladas que se o Sr. Alpoim não tivesse d'ha muito conquistado um justo nome de tribuno de raça, têt-o-ia adquirido n'esse dia.

Foi em meados de dezembro de 1904. O Sr. José Luciano era um dos maiores estadistas do nosso periodo constitucional.

Afirmou-o o Sr. Alpoim, e, queremos crêr, o Sr. Alpoim foi sincero na sua affirmação. Pelo menos fizemos justiça ao Sr. José d'Alpoim de acreditar que elle punha nas suas palavras o tom da sinceridade.

Mas ha um facto importante a relembrar.

N'aquella epocha, era precario o estado de saude do nobre chefe progressista. Pela provincia, dizia-se á bocca cheia que seria o Sr. Alpoim o successor do Sr. José Luciano. Mas quiz a Providencia que o Sr. José Luciano melhorasse, e o Sr. Alpoim, vio por um momento, fugir-lhe o penacho.

Pretextou a questão dos tabacos e foi elle—que tantas vezes declarou ser avesso a pequenos agrupamentos—quem, a dentro do partido, levantou a bandeira da dissidencia.

Seguiram-n'o os que quiseram, e ficaram os dedicados, porque o sentimento da dedicacão ainda não se eliminou de todos os corações.

Com a sahida do Sr. Alpoim o partido continuou a viver, e a terra não estremeceu nem parou no seu movimento de rotaçãõ.

O partido havia ficado sem um ambicioso, e são esses precisamente, que é mister affastar.

Não se contentou, o Sr. Alpoim, em abrir a dissidencia. Foi mais longe do que muita gente suppunha. Explicou os motivos porque sahiu, e houve quem o acreditasse, e houve quem pozesse de *quarentena* as suas declarações. Mas isso é o menos.

O Sr. Alpoim, a quem politicamente era licito falar em toda a gente, desviou-se d'esse caminho, e entrou pela vida particular dos seus amigos antigos, devassando lares de familia. E quasi ha dois annos que vem badalando no *nosso Janeiro*, e no *Dia*, que o Sr. José Luciano não voltará ao poder que inutilizou o partido e manchou a bandeira.

Pretende, talvez, o Sr. Alpoim fazer levantar os rebeldes pela provincia fóra. Engana-se.

Rebeldes e engratos foram os

dissidentes de 1905. Esse grupo separou-se, e até, hoje, ao que nos conste, não tem creados adeptos.

Não se cançe, pois, o chefe dissidente, em fazer soar as trombêtas da rebeldia.

Nem as trombêtas são ouvidas, nem o Sr. Alpoim será acreditado.

O grito de revolta que o Sr. Alpoim soltou, não fez apavorar os correligionarios dedicados. Estes ficaram aonde estavam, e ficaram no seu posto de combate.

E por mais esforços que o chefe dos dissidentes empregue, não consegue chamal-os á rebeldia.

Póde, pois, o Sr. Alpoim mandar calar as suas trombêtas do norte e do sul:—O *Janiero* e o *Dia*.

## A CRISE VINICOLA

Agora que são já perdidas todas as esperanças de protecção á viticultura, esperanças que tem fugido como folhas sêccas que o outomno leva, em frente da corrente impetuosa que tudo arrasta e destrõe na sua passagem; agora que os extremados esforços da iniciativa particular se veem obrigados a desistir, arrastando as massas campesinas ao espasmo melancolico e tristonho das graves e grandes crises, qual é aquella porque actualmente está passando a viticultura portugueza, uma das principaes senão a principal fonte de riqueza do nosso paiz, é mistér, é de todo o ponto indispensavel, não já reclamar, mas tão sómente implorar dos poderes dirigentes, a promulgaçãõ de medidas efficazes de protecção a uma tão numerosae prestante classe, que sem ella se veré obrigada a abandonar por completo a sua industria, facto este que ha de fatalmente traduzir-se n'uma calamidade terrivel, n'uma derrocada enorme, de cujos escolombros apenas poderão sahir graves perturbações para a nossa economia e para as nossas finanças, e como consequencia de tudo isto, a desolação e a miseria para todo o paiz.

O problema é de tal modo intrincado e complexo que nos parece que a sua soluçãõ sera difficil a quem não encara as coisas com animo de vêr, e por isso esta apenas parcialmente poderão esperar-se e ainda assim, com a

apresentaçãõ das mais exigentes hypoteses.

Uma das medidas que por sua natureza mais urgentemente se impõe é a organizaçãõ do credito agricola, tal como existe na França e na Allemanha, onde as questões d'esta monta, como de resto todas as outras, são encaradas atravez de um prisma real, e não ficticiamente e de animo leve, como entre nós é de uso fazer-se, o que dá em resultado serem quasi sempre esteireis as medidas decretadas, embora, como julgamos, seja boa a intençãõ que á sua elaboraçãõ preside.

E' mistér que os governos encarem com olhos de ver, e com a firme desposiçãõ de a melhorar, a situaçãõ deveras triste, em que a nossa viticultura actualmente se encontra, se não quizerem ver o paiz sossobrar tambem, arrastado na quêda d'esta importante industria agricola.

Se o proprietario, que lucha hoje impotentemente contra uma crise terrivel, cujos nefastos resultados bem claramente se estão vendo, constactasse que de futuro, um pouco mais de attenção lhe era dispensada, concorreria tambem na medida das suas forças, para o bem estar commum, e poria bem depressa, ao serviço da sua rehabilitaçãõ, todo o entusiasmo das suas esperanças, e toda a sua dedicaçãõ, e desde então os esforços isolados de hoje, conjugar-se-hia para o mesmo fim, tendo como fito o mesmo ideal: o resurgimento da viticultura, e consequentemente uma notavel melhoria das nossas condições financeiras e economicas.

Professamos todos a mesma opiniãõ sobre a origem dos males que nos enervam; somos todos unanimes em lamentar a decadencia a que chegámos; mas não se pensa a serio em procurar obter a energia que nos falta, e com a qual seria talvez possivel mudar para melhor a face das coisas.

E' já tempo de pensar a serio na desgraçada situaçãõ da nossa viticultura, que nos vae arrastando para um abysmo insondavel.

Mas não divaguemos, não obstante gravitarem estas considerações em volta do assumpto principal.

A situaçãõ é dia a dia mais grave, para aquelles que fazem da cultura da vinha a sua industria. Já de ha muito que a imprensa da capital vem abordando com o mais esclarecido criterio a questão da transformaçãõ em portos

francos, dos portos de Lisboa e Lourenço Marques.

Poderá parecer extemporanea e fora de proposito, em relação ao assumpto de que tratamos, a nossa approvaçãõ e completo accordo com o modo de ver dos jornaes que têm collocado a questão no seu verdadeiro campo! Pura illusãõ, e tanto maior quanto é certo que não se comprehende que não possa advir uma notavel melhoria para os diversos ramos da nossa actividade, de uma medida tão judiciosa e de tão grande alcance sob todos os pontos de vista.

Ainda ha pouco um illustre titular e distincto africanista, referindo-se circunstanciadamente ao porto de Lourenço Marques, e á sua transformaçãõ em porto franco, demonstrou que esta medida; reduzida a pratica, traria como consequencia, além de outras vantagens de incontestavel valor, um consideravel augmento na importaçãõ dos nossos vinhos, que encontrariam assim uma sahida facil, e uma collocaçãõ vantajosa n'aquella cidade, que se tornaria um centro por excellencia para o seu commercio porque a populaçãõ augmentaria de muito.

Então a viticultura portugueza começaria a ver brilhar no seu escuro e tenebroso horisoate um ponto luminoso, um raio de esperanza, que seria para ella a redempçãõ, cujo resultado seria indubitavelmente, a par das innumeradas vantagens que d'ahi adviriam para o nosso commercio e para a nossa agricultura, mostrar aos outros povos que aqui tambem se pode administrar bem, quando se quer.

E' urgente e innadiavel que os poderes publicos despertem do lethargo em que se abysmaram, e que abram os olhos, para poderem presenciar assim a enorme desolaçãõ que vae por todo o paiz, e com perfeito conhecimento de causa, estudarem o melhor meio de remediar um tão deploravel estado de coisas.

J. E. Carvalho d'Almeida

## CARTAS A UM AMIGO

I

Ainda me não esqueceu o compromisso que contrahi para contigo. Foi na nossa pittoresca praia do Furadouro, sentado á beira mar, n'uma noite luarisada, em

vestidos e sustentados? Que vos falta?...

Tu, Theotimo, que mais levantas a voz, não és o melhor salarido e o mais gordo? (Prolongadas gargalhadas dos dois companheiros). Vamos meus amigos, tomæ os vossos trajæ, e dirigi-vos com presteza aos vossos logares.

Prometto uma honesta gratificaçãõ que melhor fizer o seu papel.

OS TRES

Vamos cumprir as tuas ordens, se faltas á tua promessa...

JACCHOGOGO

E então?

THEOTIMO

Deixaremos perceber as cordas e as molas occultas.

JACCHOGOGO (empelindo-os)

Insaciavel canalha!... Por algum dinheiro comprometteriam os nossos mysterios e até os deuses.

(Continua)

Clara de Miranda.

ERRATAS

DO N.º ANTECEDENTE

Errata—Promethes—correcção—Promethen.

Errata—banquetes o nectar e a ambrosia; em profusão por toda a parte, etc; correcção—banquetes e em profusão o nectar e a ambrosia, por toda a parte, etc.

## FOLHETIM

### NOITES DE CORINTHO

por Debay

#### Os Serões de Lais

XVII

Qual é a palavra, o fim dos mysterios para exigir-se tão solemne juramento, cuja divulgaçãõ é punida de morte? Se, como o pretendem certos panegyristas, este segredo consiste no triumpho da virtude sobre o vicio, longe de castigar-se os divulgadores, dever-se-ia pelo contrario, recompensal-os como benemeritos da humanidade. Não é porém a tão nobre fim que se propõem attingir os ministros d'Eleusis. Iniciado nos seus supostos mysterios, eu, Diagoras de Mellos, vou dizer toda a verdade, não temendo já nada pela vida, pois que a minha cabeça foi posta a preço pelo Hierophante d'Eleusis.

Este famoso segredo não existe de modo algum; um sigillo imposto a não tantos iniciados não poderia atravessar os seculos sem ser descoberto; porque, para os homens do mesmo modo que para as mulheres, o segredo é um fardo de que se querem alliviar. O instituidor d'estes mysterios não ignorava esta circumstancia; eis por que teve o bom senso d'exigir um juramento que era perigoso infringir.

Em seguida a estas generali-

dades sobre os Eleusinos, vou, em forma de dialogo, narrar algumas particularidades dos preparativos secretos e das diversas conjuncturas que precedem ou acompanham a iniciaçãõ. Encerrado, eu mesmo, n'uma cella, durante o sexto dia mystico, afim de preparar-me para a iniciaçãõ, contarei imparcial e fielmente o que vi e ouvi.

## Sessão II

Os principaes personagens que officiam nos mysterios são:

O Hierophante, primeiro dos ministros de Céres.

O Dadukos, portador de fachos, encarregado das purificações.

O Hieroceryx; arauto sagrado, armado do caduceu (vara com duas serpentes).

O Iacchogogo, director das procissões em honra d'Iacchos.

O Kourotropho, encarregado de receber as offerendas.

E o Epibomo, serventuario do altar.

Vêm depois os ministros subalternos, em numero assaz grande, de que eis os principaes:

O Hieraulo, tocador da flauta sagrada.

Os Lichnophoros, encarregado da joeira mystica.

Os Panagos, iniciados com o dever d'assistencia.

Os Pyrophoros, conservadores do fogo sagrado.

O Hydrano, derramador das aguas lustraes.

O Daëritó, ministro de Proserpina.

Os Spondophoros, presidem ás libações.

No numero das mulheres que figuram nos mysterios, citam-se: A Hierophantida, as Melissas ou Metropoles, as Propiantidas e as Thysiaudas.

Nos mysterios são tambem empregados em elevado numero os mechanicos, ferreiros, carpinteiros, pyrotechnicos, pintores, decoradores, musicos, cantores, dançarinas e outros diferentes artistas, desempenhando todos uma funcão no maravilhoso apparato das provas.

Principiam tres mezes antes das festas d'Eleusis, os immensos trabalhos que devem ferir d'espanto, d'admiraçãõ e terror o recipiendario. D'igual modo que no theatro, os numerosos actores d'estes espectaculos repetem todos os dias o seu papel para represental-o com esmero.

O que muito me divertia na minha cella era descobrir os meios secretos de que usavam para fazer jogar as molas da fantasmagoria Eleusinia.

O que d'igual modo me indignava era ouvir os actores, pessoas de baixa esphera, que deviam representar de furias, de spectros, de monstros de toda a especie, como tambem de deuses e deusas, chacotear, escarnecer dos candidatos, disputarem-se, queixarem-se dos minguados salarios e pensarem no modo d'augmental-os. Entrementes apparece um dos chefes, Iacchogogo, e exclama:

## SCENA 1.ª

Em que haveis passado o tempo, marotos? Nada está acabado; a roldana principal e a mola grande não jogam; os contrapesos não são sufficientes; os folles vasos; os canos entupidos, as aguas esgotam-se e apagam-se os fogos... Maldita corja! que devorais as victimas, que vos sustentaes do altar, retomæ já os vossos logares e sede attentos ás minhas ordens.

THEOTIMO

Eu declaro que já me fatiga o papel de Tysiphono.

BUTAS

E a mim, o dos monstros de cabeça d'abutre.

PHILONIDO

Eu direi o mesmo do meu papel d'automato.

GLAUCON

Eu estou cansado de fazer girar a roda d'Ixion.

O IACCHOGOGO

Eu que ouvi!

THEOTIMO

Não somos bem retribuidos.

IACCHOGOGO

O que! uma revolta no templo, nas minhas barbas e no momento da execuçãõ dos divinos mysterios?...

THEOTIMO

Nós não nos revoltamos, só exigimos um augmento de salario.

BUTAS E PHILONIDO

Isso! isso! um bom augmento, em relação com os grossos proventos que tiraes.

IACCHOGOGO

Ingratos... não estaes bem

que se ouvia ao longe o som maguado de uma guitarra velha, so-luçante, e a voz do Mario Guimaraes chamava ás janellas, os rostos formosissimos das nossas banhistas.

Lembraste? Era em frente á capella velha que a areia tem aterrado, pouco a pouco, que a tua grande alma de patriota, cheia de desgosto e de tristesa, se revoltava contra o desleixo condemnavel a que a nossa terra estava votada. Sentias estremecimentos no coração e não podias suffocar, em teu peito, esse grito de indignação pelo atrazo em que nos achavamos.

E desalentado, sceptico tu não chegavas a alimentar a doce esperança do nosso resurgimento material. Em vão, eu tentava dissuadir-te da tua descrença, acreditando nos homens da nossa terra e no seu esforço.

Pois meu caro João: a nossa querida terra vai resurgir para a Vida. E' a boa nova que te dou.

A iluminação publica de que toda a gente se queixa, mas que até hoje ninguém a aperfeioou, vai soffrer uma enorme transformação, dar um passo para a frente.

A Ovar já chegou um inglez que acaba de fazer uma proposta á camara para illuminar a nossa terra a luz electrica. As coisas estão bem encaminhadas e tudo nos leva a acreditar que, dentro em breve, a luz electrica em Ovar, será um facto.

Esses candieiros de petroleo que tu bem conheces, e cuja luz a meio da noite, já agonisa como um pyrilampo serão substituidos pelas lampadas electricas, de luz branca e clara. Mas ao communicar-te esta alegre noticia, uma tristeza enorme invade o meu coração.

E' que na nossa terra, ainda ha vandalas.

Infelizmente, assim é.

Os candieiros da iluminação publica, que dependurados nas paredes, são como que sentinellas vigilantes a espreitar os transeuntes, e que ao frio, á chuva e ao luar nunca abandonam o seu posto, pois esses candieiros que não causam mal a ninguém, e a sua unica missão é só fazer bem, —alguns d'elles têm sido partidos por esses vandalas que são a vergonha da nossa terra.

Descobrir os auctores de tal façanha, seria uma acção linda. para lhes dar o premio do seu trabalho.

Ente sem escrupulos e sem brio, eis o que, infelizmente, a nossa terra ainda nos oferece.

FOLHETIM

Contos d'Aldeia

As arrecadas da caseira

—Só o cordão, meu senhor,— dizia a caseira — tem quatro moedas!

O Torres observou o ouro, sopesou-o na mão; e, fechando-o n'uma gaveta, disse:

—Pois bem! Quando me trouxer a renda, levará o penhor. Adeus! até ao verão.

Depois que a Custodia saiu, um visinho tendeiro, dizia contristado:

—A pobre de Christo até ia a chorar; e o rapazinho de ver chorar a avó, chorava também! Aquelle Torres, diabos o carreguem, é assim...

E mostrava a mão fechada, explicando:

—Um unhas de fome!

No anno seguinte não appareceu na romaria de S. Torquato a tia Custodia da Moita. Coitada! como não queria confessar ao marido que tinha empenhado as arrecadas e o grilhão, fingiu-se doente, e não houve forças humanas que a tirassem de casa sem o seu ouro.

São, talvez crianças... de maior idade e que depois do feito heroico vão dormir descansados, sem remorsos a torturar-lhe a alma!

A gente séria e boa, esses actos de selvageria indignam e revoltam. Mas que faser!

Descobri-los e applicar-lhe o correctivo devido ou, então entregar-os á justiça aonde elles prestarão contas.

Se a nossa terra—meu querido João está necessitada d'um progresso material, tambem é certo que precisa d'um saneamento moral.

Vamos, em primeiro logar, ás obras do saneamento, e depois as outras virão.

Nas cartas seguintes, dir-te-hei alguma coisa mais de que se possa, e verás então, o quanta razão me assistia, quando eu, á beiramar, no Furadouro, pretendia convencer-te de que a nossa terra progrediria um dia, e que tivesses confiança no futuro e nos homens qua alguma coisa velem e querem.

Março-907.

Sylvio.

NOTICIARIO

TEMPO

No principio da semana, o tempo apresentou-se bom, passando, depois, até 5.ª feira, a ameaçar chuva, não chegando a haver mais do que, ao principio datar de de 5.ª feira, umas insignificantes gottas.

De meia tarde por deante, na direcção norte-nordeste, aproximou-se de nós uma forte trovoadá, acompanhada de continuos relampagos, a qual não se fez aqui sentir verdadeiramente em razão da tempestade seguir para sudoeste devendo ir encontrar-se no atlantico com outra menos violenta que vinha de sul-sudoeste para nordeste. O tempo encontra-se bom, sendo provavel conservar-se assim toda a semana Santa.

THEATRO

No domingo de Paschoa a troupe dos nossos amadores dá

—Não que o seu homem pensava a tia Custodia— se tal soubesse, e Jesus! era capaz de ir ter com o senhorio, e fazer alguma desordem.

—O meu Joaquim?—acrescentava ella—Boa! Tem sessenta e cinco annos; mas aquillo para armar uma bulha parece um rapaz!...

Post-scriptum.  
Agora veja-se o bom e o bonito? Ha poucos mezes os jornaes do Porto prantearam a morte do sr. Torres, capitalista abastado, philanthropo e respeitado por todos os conhecidos.

Esqueceu a confirmação das victimas, a quem elle emprestava a 28 por cento!

Oh! mas era boa pessoa e caritativa, que até deixou o retrato á ordem do Terço e duzentos mil réis para missas de doze vintens pela sua alma!...

O ANACREONTE

Candemil

Ao declinar do dia, pela tortuosa vereda que ia dar á estrada, seguia vagarosamente o tio Ambrosio, que voltava dos campos,

uma recita no nosso theatro em beneficio do chefe da Associação dos Bombeiros Voluntarios d'esta villa.

O espectáculo compõe-se d'uma abertura em verso original do nosso amigo Dias Simões,—Um canto á Primavera, —que nos dizem ser um primor, e da engraçada comedia em 3 actos—Um amigo dos diabos.

Temos, pois, em perspectiva uma bella noite. A'vante Dias Simões.

Se elles esmorecerem, outro mono logo, que é remedio santo.

Estação Friorenta

Chamamos a attenção dos nossos prezados leitores para o annuncio que, sob esta epigrapha, vem publicado na 4.ª pagina.

A Semana Santa em Sevilha

A companhia real dos caminhos de ferro portuguezes e Companhia dos caminhos de ferro de Madrid e Sarragoça e Alicante annunciam viagens a preços reduzidos por occasião da Semana Santa e feira em Sevilha.

As festas da Semana Santa devem realizar-se nos dias 24 a 31 de março e a feira nos dias 18 19 e 20 de abril.

Preços de ida e volta: De Lisboa-Rocio e Entroncamento: primeira classe, 18\$300; segunda, 12\$900; terceira, 8\$600 réis. De Porto-Campanhã: primeira classe, 21\$300; segunda, 14\$900; terceira, 10\$100 réis.

AOS LEITORES

Avisamos os nossos Ex.ªªª leitores de que, no proximo domingo de Paschoa, não sahirá este jornal, afim de darmos aos nossos Collaboradores, compositores, etc. o costumado descanso, durante a «Semana Santa».

A LEI DE IMPRENSA

Foi finalmente votada a lei de imprensa na camara dos pares, depois de uma longa discussão.

Terá ainda de voltar á camara dos deputados para serem discutidas e votadas as emendas aprovadas na dos pares.

com a enxada ao hombro. Como aquella hora silenciosa estava o caminho deserto, ouvia-se-lhe de longe o bater compassado e sonoro dos tamancos nas pedras da calçada.

Logo adiante do carvalho, e antes de chegar ao cruzeiro confinante ao adro, ficava a taberna. Eminente sobre a porta estava pendente o ramalho verde de loureiro, que a viração fresca da tarde agitada raspando-o pelo cunhal da hobreira. Da frincha das portas mal cerradas sahia para a penumbra crepuscular exterior uma reseta de luz amarella, que se estendia pela estrada até ao talude saibrento, que murava o caminho do outro lado.

O tio Ambrosio indireitou com a taberna, impelliu uma das portas, e entrou.

Dentro, abancados em torno da meza, estavam já os parceiros da bisca. A taberneira, matrona de papeira, seio farto e braços arremangados, assistia á conversa, sentada a um canto, com os cotovellos fincados no balcão. Junto d'ella dormia pachorramente um gato maltez, zebrado encolhido sobre as patas, como um novello. A' entrada de Ambrosio o gato ergueu a cabeça repentinamente e abriu os olhos espantados; mas, depois, como a visita lhe não fosse estranha, foi deixando, pouco a pouco, descahir a cabeça, fechou os olhos, e permaneceu na mesma posição, a resonar.

Ao lado de cada freguez havia

Escola Movei Agricola

«CONDE DE SUCENA»

EM OVAR

Mappa das lições durante a 10.ª semana, desde 17 de março a 24 de março de 1907.

Agricultura — Assumptos das lições explicativas: Recapitulação das materias dadas anteriormente.

Trabalhos práticos realizados: Tratamento de vinhos doentes. Applicação do adubos em cobertura em prados. Preparação de adubos para trigos de primavera e milho. Lavoras com as charruas americana e Brabant. Direcção da construcção d'uma nitreiria.

Palestra: Realisa-se em Esmoriz ás 8 horas da manhã.

Theatro

Domingo 21 de Março de 1907

Recita d'amadores em beneficio da Associação dos Bombeiros Voluntarios d'esta villa.

Abertura em 1 acto, original de Dias Simões.

Um canto á Primavera

Personagens

Amelia . . . Urbana  
Monsenhor . . . Angelo Lima  
D. Pedro (cego) . . . Freire de Liz  
Raul . . . Salviano Cunha  
João, creado . . . Dr. Lopes

Côro de creanças

A comedia em 3 actos

Um amigo dos diabos

Personagens

Pio Cornelia . . . Freire de Liz  
Hercules Valente . . . Angelo Lima  
Braz . . . Dr. Sobreira  
Hortense . . . Urbana  
Candido . . . Dr. Lopes

Principia ás 8 1/2 da noite

N. B.—A actriz Urbana encontra-se doente e por isso dão ha a certeza de ser ella que tome parte no espectáculo, mas se não poder será substituida por outra collega.

um copo de vinho; e a luz da candeia, pendurada em cima, refrangendo-se na superficie do vidro, projectava, em torno de cada copo, um circulo sanguineo.

O tio Ambrosio de Candemil levava a vida airada a cantar e a beber! Tinha ja sessenta annos cabellos brancos que nem uma estriça côrada, voz tremula, nariz rubro e verrugoso; mas que lhe sahisse a desafio a cachopa mais palreira, que elle saltava logo:

Não sei que mal deu: agora Nas uvas do parreiral; Faz-me cantar toda a noite, Como os melros do olival.

E depois, com a jaqueta lançada ao hombro, o chapéu derrubado para a nuca, ainda o Ambrosio cantava e foliava, como um rapaz de vinte annos.

Em idade tenra e menos canceirosa, arraial em que elle não apparecesse, era como se faltasse! o pregador em festa de romaria, Esperava-se por elle até ao fim. Espreitava um d'aqui, outro d'acollá; e, quando na azinhaga apparecia o chapéu de sol de paninho es-carlate, era logo uma gritaria:

—Ahi chega o tio Ambrosio.  
—Olha que tal elle vem!

Continua

ARREMATACÃO

2.ª Publicação

No dia 14 d'abril proximo, por as 11 horas da manhã e á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, na execução hypothecaria que Anna Rosa Dias, viuva proprietaria, da Seara, move contra José de Sá Ferreira Loureiro e mulher Anna Francisca d'Oliveira, negociantes, d'Aldeia, todos d'Esmoriz, vão á praça, para serem arrematados e entregues a quem mais offerecer sobre os preços das respectivas avaliações, sendo as despezas da praça e a meia contribuição de registo á custa dos arrematantes, os seguintes bens:—

Uma propriedade d'aido e casas com cortinha de lavradio e pertenças, em Aldeia, avaliado em 590:000 réis;—Um assento d'aido e casas com cortinha de lavradio pegada e pertenças, no mesmo logar, avaliado em 550:000 réis;—Uma terra lavradio, chamada a Cortinha d'Esmoriz, na Estrada-nova, avaliada em 250:000 réis;—Uma terra lavradio, chamada a Vinha, no logar deste nome, avaliada em 105:000 réis! Uma leira de matto e pinhal, denominada o Calombo, em Gondende, avaliada em 90:000 réis. Todas estas propriedades são situadas na freguesia d'Esmoriz. Pelo presente são citados quaesquer credores incertos dos executados para assistirem á arrematação e deduzirem os seus direitos, querendo.

Ovar, 14 de março de 1907.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito

Lobo Castello Branco

O Escrivão

João Ferreira Coelho

CASA

Aluga-se uma grande, com bastantes commodos, na rua da Graça.

Para tratar com o seu proprietario José Maria de Pinho Valente.

A Estação

Jornal illustrado de Modas para Senhoras publicando annualmente:

24 numeros de 8 paginas, illustrados com mais de 2000 gravuras representando artigos de toilette para senhoras, roupa branca, vestuarios para crianças, enxovaes, roupa branca e vestuarios para homens e meninos, atalhados, objectos de mobilia, adorno de casa, etc. todo o genero de trabalho de agulha, bordado branco e a matiz a ponto de marca, de ornatos, costura ou renda, pontos em claro sobre renda, cambraia ou filó, renda irlandeza, bordado em filó, crivos — todo o trabalho de tapeçaria, tricôt, crochet, frivolité, guipure, ponto atado, renda de bilro — flores de papel, panno, pennas, finalmente mil obras de fantasia que seria longo relatar.

O texto que lhes fica junto clara e minuciosamente descreve e explica todos esses desenhos, ensinando o modo de executar os objectos que representam.

12 folhas grandes contendo além de numerosos monogramas, iniciaes e alphabets completos para bordar em relevo ou a ponto de marca, 200... les pelo menos, em tamanho natural, completados, segundo as necessidades com moldes reduzidos indicando claramente a disposição das partes de que se compõe o modelo e mais de 400 desenhos de bordado branco, matiz, soutache, etc. Cumpre notar-se que essas folhas comparadas ás de qualquer outro jornal são-lhes muito superiores, pois que em igual superficie publicam tres ou quatro vezes mais material.

36 figurinos de modas, coloridos primorosamente a aguarella por artistas de merito em formato igual ao do jornal

Para prova da superioridade incontestavel d'essa publicação e verificação de que realmente os seus 24 numeros e 12 folhas de moldes contêm maior quantidade de modelos do que outro qualquer jornal de modas, enviar-se-ha gratuitamente um numero specimen a quem o pedir por escripto.

Assigna-se em todas as livrarias, e na de ERNESTO CHARDRON — Porto. Principia no dia 1.º de qualquer mez

PREÇO EM TODO O REINO:

1.º anno . . . . . 4\$000  
Seis mezes . . . . . 2\$500  
Numero avulso . . . . . 200



# ESTAÇÃO FRIORENTA

Um certamen vae haver,  
Que decerto dá fiasco,  
P'ra que se possa saber,  
Qual é o senhor do TASCÓ  
Que bom vinho 'stá a vender.

Mas de todo o concorrente,  
Que ao concurso ABORDAR,  
Diz por ahi toda a gente,  
Que nenhum vae ABICHAR  
A ponta d'um... prémio, sòmente.

Eu então cá por PIRRAÇA,  
Affianço e... tambem juro;  
Que o LUZIO sempre caça,  
Ter o MEU... prémio seguro,  
E ao vél-o... ácha-lhe graça.

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco

## ANTONIO DA SILVA BRANDÃO-O LUZIO

### MERCEARIA PINHO & IRMÃO

-LARGO DA PRAÇA-

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possível aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender  
Azeitona d'Elvas a 220 reis o Kilo.

Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

### OFFICINA E ESTABELECIMENTO DE CALÇADO

DE

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina, vende, em todos os domingos, na praça da hortaliça, d'esta villa. calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encarregando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modicidade de preços, toda a encomenda de qualquer obra concernente á sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encomendas, o proprietario virá tambem a esta villa, a caza dos freguezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente.

### EXTACTO DO CATALOGO

DAS  
Obras á venda no BAZAR FENIANO  
DE

ANTONIO DA SILVA SANTOS

264, RUA DO MOUSINHO DA SILVEIRA, 270—PORTO

#### Edições d'esta casa

Guia dos Namoradores (60 cartas em prosa) . . . . .	200
Verdadeira significação dos sonhos . . . . .	60
Rei das Montanhas ou a Fada da Fonte de Chrystal . . . . .	60
O Castello d'Ouro, ou o Principe encantado . . . . .	60
A Gatinha encantada ou os quarenta ladrões . . . . .	60
Historia dos dois compadres . . . . .	60
Historia do Cura e Sacristão . . . . .	60
Historia de Roberto do Diabo (verso) . . . . .	66
Historia da Donzella Theodora (verso) . . . . .	60
Historia do Barba Azul . . . . .	60
Serenatas ao luar . . . . .	60
Livro de S. Cypriano . . . . .	200
A arte de namorar (prosa) . . . . .	80
A Musa dos Namorados (verso) . . . . .	60
Gato de Botas . . . . .	60
Gata Borralheira . . . . .	60
Um abbade em calças pardas . . . . .	60
As botas de sete leguas . . . . .	60
Historia do Feiticeiro de Bronze . . . . .	60
Historia da Massaroca d'Anastacio . . . . .	60
Historia de Bernabé Pisa Mansinho . . . . .	60
Historia da Princeza Clotilde . . . . .	60
O abbade da Ramaldeira . . . . .	60
Os amores de Laurinha . . . . .	60
O Jardim Infernal . . . . .	60
João de Calais (verso) . . . . .	60
A Mariquinhas padeira . . . . .	60
Carlos Magno (versos) . . . . .	60
A Burrinha magica . . . . .	60
A B C dos namorados . . . . .	60
Princesa Magalona (verso) . . . . .	60
Imperatriz Porcina (verso) . . . . .	60
Bertoldinho (verso) . . . . .	60
A formoza Mathildinha . . . . .	60
Historia da encantadora Mercedes . . . . .	60
Hirtoria da Princeza Leonor . . . . .	60
» do Gaitero e a Velha das noses . . . . .	60
» das Aventuras d'um Sacristão . . . . .	60
» do João das Moças . . . . .	60
A martyr da Honra . . . . .	60
A filha Maldita . . . . .	60
Historia do Conde Redondo . . . . .	60
O Fradinho Atiradiço . . . . .	60
O Conde de Monterey . . . . .	60
Historia de João Urso . . . . .	60

Envia-se o catalogo gratis a quem o requisitar

Porto—Typ. Peninsular—Rua de S. Chrispim, 18 a 28

# TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

## MONTEIRO & GONÇALVES

NUMERO TELEPHONICO, 737

N'esta bem montada officina typographica imprime-se com promptidão, nitidez e por preços excessivamente baratos todo e qualquer trabalho que se diga pertencente a arte typographica, taes como: facturas, mappas, recibos, envelopes, cartões de estabelecimentos, memoranduns, circulares, obras de livros, jornaes diarios e semanaes e desde o simples e modesto cartão de visita a 150 réis o cento e mais preços.

Fazem-se impressões em todas as côres.

Enveloppes desde 1\$200 réis o milheiro

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

**RUA DE S. CHRISPIM, 18 A 28**

Com entrada pela Rua dos Mercadores, 171

**PORTO.**